



O *Correio da Manhã* no processo de modernização e concentração da imprensa carioca nos anos 1960-70¹

Carolina Silva de Assis²

Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

Este trabalho tem como objetivo investigar a presença e importância do jornal *Correio da Manhã* no processo de modernização e concentração da imprensa carioca nos anos 1960 e 70, através de pesquisa empírica e análise da repercussão no próprio jornal dos acontecimentos mais importantes relativos à imprensa carioca nas duas décadas, além de bibliografia apropriada. O *Correio da Manhã* foi o maior e mais importante periódico do século XX a sucumbir às transformações ocorridas nestas duas décadas nos campos jornalístico, político e econômico.

Palavras-chave

Correio da Manhã; História; Imprensa Carioca; Jornalismo.

Introdução

As décadas de 1960 e 70 são palco de significativas mudanças na imprensa brasileira. Neste momento ocorrem dois fenômenos que redefinem o jornalismo no Brasil: a modernização e a concentração das empresas jornalísticas (Ribeiro, 2006). Este processo tem início na década de 1950, quando o desenvolvimento da indústria após a Segunda Guerra Mundial impulsiona a publicidade comercial, que passa a ser importante fonte de renda das empresas jornalísticas (Ribeiro, 2007, p.210-218).

Outra transformação ocorrida nos anos 1950 é a consolidação do jornalismo informativo, modelo baseado no padrão norte-americano, cujos ideais de imparcialidade e objetividade passam a nortear também a imprensa brasileira. Até então, os jornais tinham posições ideológicas e políticas claras e defendidas com paixão, fator que

¹Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na Divisão Temática de Jornalismo, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Agradeço as inestimáveis colaboração e orientação de Igor Sacramento, Marco Roxo e Ana Paula Goulart Ribeiro.

²Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Rádio e TV e graduanda em Jornalismo na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista de Iniciação Científica pelo CNPq na pesquisa “A imprensa carioca nos anos 1960-70: modernização e concentração”. E-mail: carolinasassis@gmail.com



contribuía para a demarcação da identidade do veículo e segmentava o público leitor. Com a publicidade, esta segmentação é prejudicial; neste momento, o jornal deve ampliar seu alcance e expandir seu público leitor, obedecendo à óbvia equação: quanto mais leitores, mais anunciantes.

Nos anos 1960, o volume de publicidade na mídia impressa caiu substancialmente. Além da crise econômica e política por que o país passa neste momento, a televisão começa a se estabelecer no Brasil como o veículo de comunicação hegemônico que é hoje, e os anunciantes a acompanham.

É evidente que todas estas transformações não são conseqüências somente das mudanças ocorridas no campo econômico. O próprio modelo de administração dos jornais, arcaico e clientelista, contribuiu para afundar grande número de periódicos. Mas, acima de tudo, as mudanças no panorama da imprensa carioca e brasileira estão certamente ligadas ao conturbado momento político que o país vivia. A ditadura militar, instaurada em 1964, atuou intensamente para promover os veículos favoráveis ao regime e agiu com veemência para destruir aqueles que tinham uma posição contrária, através de censura, manipulação de verbas publicitárias e pressões sobre anunciantes, além da fixação de impostos e intervenção nos preços de insumos e matérias-primas, como o próprio papel do jornal.

Estas mudanças levam a uma profunda reconfiguração da imprensa brasileira nas décadas de 1960 e 70. Muitos jornais não sobrevivem a estas oscilações, e entre os grandes impressos cariocas a sucumbir estão o *Diário da Noite*, *O Jornal*, o *Diário de Notícias*, o *Diário Carioca*, a *Última Hora* e o *Correio da Manhã*, tema deste trabalho. Mas a concentração de que tratamos aqui não se trata somente da falência de muitos e prosperidade de poucos, e sim de um momento que teve repercussões na imprensa como um todo, tanto no mercado como no próprio fazer jornalístico.

A pesquisa “A imprensa carioca nos anos 1960-70: modernização e concentração”, coordenada pela professora Ana Paula Goulart Ribeiro (ECO/UFRJ), pretende entender este período de reorganização e concentração do meio jornalístico carioca nestas duas décadas, buscando incluí-lo no contexto da modernização da imprensa brasileira ocorrida na década de 1950.

Quatro periódicos estão sendo estudados: *Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil*, *O Globo* e *Última Hora*. Os dois primeiros foram os maiores matutinos dos anos 1960, e os dois últimos, os maiores vespertinos. O *Correio* e a *Última Hora* não sobreviveram



ao turbilhão de transformações das duas décadas, enquanto *O Globo* e *JB* tornaram-se os mais importantes impressos do Rio de Janeiro.

Escolhemos a imprensa carioca como objeto de pesquisa porque ela reproduz todas as transformações ocorridas neste momento, atuando como um microcosmo da imprensa brasileira. É inegável que as impressas de outros estados tenham suas particularidades, mas o Rio de Janeiro, apesar de não ser mais o centro político, certamente continuou sendo o centro cultural do país, irradiando tendências e repercutindo profundamente todas as mudanças vividas na sociedade brasileira.

Como bolsista de iniciação científica dessa pesquisa, meu trabalho consiste na coleta de dados sobre e nos periódicos. Em visitas regulares à Biblioteca Nacional, faço a pesquisa empírica, lendo os jornais de acordo com uma cronologia baseada nos fatos mais significativos relativos à imprensa carioca nos anos 1960 e 70. Ressaltamos que os dados utilizados neste trabalho são ainda preliminares, mas já permitem um delineamento da importância do *Correio da Manhã* e algumas conclusões sobre as transformações vividas pelo meio jornalístico nestas duas décadas.

Correio da Manhã

O *Correio da Manhã*, matutino carioca fundado em 15 de junho de 1901 por Edmundo Bittencourt, foi um dos mais importantes órgãos da imprensa brasileira. Saiu de circulação no dia 8 de julho de 1974, e em seus 73 anos de existência destacou-se como um jornal de fortes opiniões, sempre engajado nas disputas políticas vividas pela sociedade brasileira.

Edmundo Bittencourt iniciou sua carreira jornalística em Porto Alegre, no periódico *A Reforma*, e a própria fundação de seu jornal estava relacionada a um momento conturbado na história do país: a Revolução Federalista, do fim do século XIX. Nos 28 anos em que dirigiu o *Correio*, Edmundo desprezou a neutralidade, alinhando a opinião editorial de seu jornal ao que lhe parecia mais justo e leal para com “o direito do povo, de seu bem-estar e de suas liberdades” (Leal, 2001).

Em 1929, Edmundo passa a direção do jornal a seu filho Paulo Bittencourt, que manteve a orientação política e combativa do *Correio*. Entre outros feitos notáveis, em fevereiro de 1945 Paulo publicou a entrevista de José Américo de Almeida a Carlos Lacerda, então redator do jornal, criticando abertamente o Estado Novo. A arrojada manobra abriu caminho para outras manifestações de oposição à ditadura de Getúlio



Vargas, enfraqueceu seu regime e acabou levando à deposição do presidente poucos meses depois.

Getúlio não foi o único presidente a ser derrubado pelo *Correio*. Em 1964, os editoriais *Basta!* (31 de março) e *Fora!* (1º de abril) foram o golpe de misericórdia em João Goulart, de quem o jornal foi, evidentemente, forte opositor.

As inflamadas convicções políticas dividiam espaço no jornal com a relevante cobertura cultural. Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos, Lima Barreto (que se tornou *persona non grata* no *Correio da Manhã* com a publicação de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*), Carlos Heitor Cony e Antonio Callado fizeram parte de sua equipe, além de críticos como José Lino Grünwald e Antonio Moniz Vianna. A dedicação de seus proprietários à arte e à cultura foi responsável pela criação do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, fruto de uma campanha pessoal da esposa de Paulo, Niomar Moniz Sodré Bittencourt.

A crise e o declínio

Em agosto de 1963, quando Paulo morre, é Niomar quem passa a comandar o *Correio*. Sua entrada no jornal foi tumultuada; Sybill Bittencourt, filha do casamento anterior de Paulo, e Niomar, sua segunda mulher, envolveram-se em uma querela judicial em que coube a Sybill o imóvel onde o jornal estava instalado (Leal, 2001). Apesar de assumir a direção do *Correio* logo após a morte do marido, somente em junho de 1965 o Supremo Tribunal Federal ratifica o direito de Niomar administrar o jornal. Até então, mesmo tendo assumido a presidência oficialmente no dia 28 de dezembro de 1963 – primeira vez em que seu nome aparece no cabeçalho do *Correio* – ela não possuía “competente alvará para, representando o espólio, convocar, comparecer, votar e ser votada em assembléia ordinária das mencionadas empresas [Correio da Manhã S/A e da Corman Publicidade S/A].” (*Correio da Manhã*, 17/06/1965, p.01)

Após opor-se enfaticamente ao presidente João Goulart e contribuir para sua deposição, o jornal apóia, por apenas três dias, o golpe militar. Quando o novo regime começa a exibir seu caráter ditatorial, o *Correio* volta a seu lugar de opositor do governo. Sodré (1999) observa que, neste momento, “o *Correio da Manhã* teve a sua fase gloriosa, tornando-se, em 1964 e 1965, o baluarte das liberdades individuais, no protesto e na denúncia das torturas, das arbitrariedades que passaram a constituir o cotidiano da vida brasileira.”



Nas edições seguintes ao golpe, o *Correio* denuncia invasões de redações de jornais e emissoras de rádio e televisão, como *Tribuna da Imprensa*, *O Globo*, *Diário de Notícias*, *Rádio Jornal do Brasil* e *Última Hora*, por militares e por manifestantes. A depredação do prédio e dos veículos de distribuição do jornal de Samuel Wainer foi repudiada com veemência, classificada pelo *Correio* como “atitude condenável de vindita” de “grupos antijanguistas” (*Correio da Manhã*, 02/04/1964, p.01).

Sua posição contrária aos desmandos da ditadura custa-lhe anunciantes e inicia a crise financeira do jornal. O *Correio* vive um paradoxo: mesmo com grande prestígio entre os leitores e edições esgotadas, começa a debilitar-se financeiramente (Sodré, 1999).

As dificuldades financeiras não foram suficientes para satisfazer os inimigos do jornal. Na madrugada do dia 07 de dezembro de 1968, uma bomba é jogada na sede do *Correio da Manhã*, no Edifício Marquês de Herval, no centro do Rio de Janeiro. A explosão arrancou vidraças, mármore e esquadrias de lojas e escritórios em dez andares do prédio. No solo da agência de classificados do jornal, onde a bomba explodiu, foi aberta uma cratera de mais de um metro de diâmetro (Castro, 2001).

No dia seguinte à explosão, o editorial “O responsável” aponta o governo federal e o presidente Costa e Silva como responsáveis pelo atentado (*Correio da Manhã*, 08/12/1968, p.01). Nas edições subsequentes, o *Correio* continua a dar ampla cobertura ao ataque, sempre ressaltando a apatia do governo, e especialmente do presidente, em investigar o atentado (*Correio da Manhã*, 10/12/1968, p.06).

As ousadas provocações ao regime militar custariam ao *Correio* sua autonomia e sua sobrevivência. Em 13 de dezembro de 1968, horas depois da imposição do Ato Institucional nº 5, agentes do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) cercam a sede do *Correio* e censores se instalam na redação. Niomar, Osvaldo Peralva e Nelson Batista, diretores do jornal, são presos.

O jornal fica sob censura prévia durante 23 dias. Em 06 de janeiro de 1969, quando os censores se retiram da redação, os diretores preparam uma edição especial, noticiando tudo o que lhes havia sido proibido até então: a repercussão do AI-5 na imprensa estrangeira, apreensão de jornais em São Paulo, e a própria situação do *Correio* – a invasão da redação, os dias de censura e a prisão dos diretores. Foi publicada também uma lista com os nomes de jornalistas, intelectuais e personalidades presos desde o dia 13 de dezembro do ano anterior (*Correio da Manhã*, 07/01/1969, p.11). A edição é apreendida ainda na gráfica.



Niomar foi presa novamente. Ficou detida por mais de dois meses, entre regimes carcerário, hospitalar e domiciliar (Castro, 2001). Neste período, os censores voltaram a atuar na redação do jornal, e mesmo assim, no final de fevereiro, o *Correio* tem sua circulação suspensa por cinco dias.

Concordata e arrendamento

A primeira página da edição do dia 12 de março de 1969 confirma a situação extrema em que o jornal se encontrava: “Na 7ª Vara Cível da Guanabara, ontem, às 17 horas, através de seu patrono, Tude Neiva de Lima Rocha, o *Correio da Manhã* impetrou concordata preventiva para pagar integralmente os seus débitos.” (*Correio da Manhã*, 12/03/1969, p.01)

O pedido de concordata não foi suficiente para salvar o jornal. No dia 07 de setembro do mesmo ano, é assinado um contrato entre Niomar, diretora proprietária do *Correio da Manhã S/A*, e Maurício Nunes de Alencar e Frederico A. Gomes da Silva, de um grupo de empresas cuja maior organização era a Cia. Metropolitana de Construções. O acordo entra em vigor no dia 13 daquele mês, devendo vencer-se dali a quatro anos e cinco meses, no dia 12 de fevereiro de 1974. Com o contrato, a Cia. Metropolitana obtém

o direito de utilizar o parque gráfico, as instalações administrativas, a redação na sede e nas sucursais e o título *Correio da Manhã* para publicar o jornal. A empresa *Correio da Manhã S/A* continua em mãos de Niomar Bittencourt, que teria como principal função supervisionar a execução do contrato (Barbosa, 2007).

Niomar despede-se do jornal e de seus leitores quatro dias depois, com o editorial “Retirada”, em que explica os motivos de sua saída como diretor-presidente e recapitula os eventos que levaram à mudança na direção do *Correio*: o atentado a bomba na sede do jornal, a invasão da redação, a prisão dos diretores, a censura prévia, a apreensão da edição do dia 07 de janeiro de 1968, a suspensão da circulação por cinco dias e, finalmente, o pedido de concordata (*Correio da Manhã*, 11/09/1969, p.01).

As pressões econômicas – por razões políticas – sobre o jornal, razão principal de sua crise, foram também comentadas com pesar pela já ex-diretora: “A publicidade do Estado, financiada pelos contribuintes, representando 36% do total do mercado publicitário, foi sonegada maciçamente a uma instituição com quase 70 anos de relevantes serviços (...)” (*Correio da Manhã*, 11/09/1969, p.01).



Maurício Nunes de Alencar (diretor-presidente), Frederico A. Gomes da Silva (diretor-superintendente) e Paulo Germano de Magalhães (diretor-responsável) assumem a direção do *Correio* em 14 de setembro de 1969. Leal (2001) observa que o editorial “Definição”, assinado pelos três, marca a guinada governista na linha editorial do jornal, conclamando “todos os brasileiros a participarem da batalha pelo desenvolvimento” (*Correio da Manhã*, 14/09/1969, p.01).

Ainda segundo Leal (2001), é a primeira vez na história do jornal que os pressupostos liberais que o guiaram desde sua fundação são rejeitados. Até então,

seu legalismo o levava alternadamente à oposição e à situação, ainda que, mesmo em defesa do governo, mantivesse sempre uma posição crítica. A partir do arrendamento, entretanto, o *Correio da Manhã* assumiu pela primeira vez em sua história uma posição governista incondicional.

De acordo com o contrato, a Cia. Metropolitana deveria pagar as dívidas, deixadas por Niomar, em nome da empresa *Correio da Manhã S/A* em troca da posse do jornal e da receita advinda de sua circulação. Nunes de Alencar, porém, cumpre com sua parte no acordo somente nos primeiros anos, e acumula novos débitos. Em 1974 a dívida chega a Cr\$ 15 milhões, quase quatro vezes mais do que os Cr\$ 4,2 milhões deixados por Niomar (Barbosa, 2007). A *Tribuna da Imprensa* chegou a noticiar o fechamento do *Correio*, relacionando-o com as dificuldades financeiras por que a empresa passava no momento (Leal, 2001).

Francisco Pedro do Coutto, em depoimento ao CPDOC (1998) citado por Barbosa, fala sobre a relapsa administração da Cia. Metropolitana:

(...) o grupo da Metropolitana executou uma política deliberada de liquidação do jornal, afirmando (como mais de uma vez afirmou Maurício Nunes de Alencar, em conversa com D. Niomar) que estava agindo assim por incumbência dos chefes militares. E o fato é que as edições de *Correio da Manhã* foram sendo sucessivamente mutiladas.

Esta mutilação fica palpável a partir de janeiro de 1973. O *Correio da Manhã*, jornal conhecido por seus inúmeros cadernos, tem na edição do dia 02, terça-feira, apenas dois: o primeiro, com 12 páginas, e o segundo, com oito, incluindo os classificados. No dia 10, quarta-feira, sua edição sai em apenas um caderno, com 16 páginas. As três edições seguintes continuam tendo um caderno, mas com menos páginas: 12. A edição de domingo do *Correio*, que chegou a ter sete cadernos e 101 páginas (05/05/1963), amarga, no dia 14 de janeiro de 1973, 16 páginas em apenas um caderno.



Em agosto de 1973, Niomar contesta na Justiça a quebra de contrato, e luta incansavelmente contra a Cia. Metropolitana e Mauricio Nunes de Alencar. A disputa envolve não só as duas partes que negociaram o arrendamento, como também políticos e outros periódicos, como *O Globo*, *Jornal do Brasil* e *Tribuna da Imprensa*. A proprietária do *Correio* acaba recusando receber o jornal de volta, e justifica sua decisão citando as dívidas não pagas, mas sim multiplicadas; o atraso no pagamento dos funcionários e do aluguel do imóvel; e a cláusula mais significativa do acordo, segundo a qual cabia à Cia. Metropolitana “manter a área de influência do jornal, diligenciando-o para ampliar-lhe a circulação”. No entanto, “faz o contrário, reduzindo-o fisicamente a oito páginas, sem notícias, sem anúncios e sem leitores” (Barbosa, 2007).

Segundo Barbosa e Leal, a última edição do *Correio* sai no dia 08 de julho de 1974. No entanto, a última edição disponível na coleção da Biblioteca Nacional é a do dia 07. Um caderno, oito páginas. Nada no jornal indicava que esta seria uma das últimas vezes em que o *Correio da Manhã* circularia no Rio de Janeiro.

Considerações finais

Barbosa (2007) afirma que “a crise do *Correio* (...) funciona como uma espécie de metonímia do processo que leva ao desaparecimento de diversos periódicos” na década de 1970. Segundo ela,

As ingerências de natureza política, os desmandos administrativos – resultado muitas vezes da adoção de um modelo que fazia do clientelismo e do favorecimento prática diária para o sucesso de publicações –, somados à mudança de cenário político, econômico e midiático são responsáveis diretos ou indiretos pelo processo de concentração por que passa a imprensa diária do Rio de Janeiro.

Nos anos 50, o meio jornalístico passa por um processo de modernização – a instituição do jornalismo neutro, imparcial, objetivo; a renovação técnica, refletida em reformas gráficas; o estabelecimento de um modelo de administração empresarial, em lugar da administração clientelista que reinava até então; entre outras mudanças. Já no fim dos anos 50, a conformação ou não a este novo contexto refletiu-se nas tiragens dos jornais. O *Correio da Manhã* tem, em 1952, tiragem de 70 mil exemplares. No mesmo ano, *O Dia* – matutino como o *Correio*, portanto seu concorrente direto – tem 60 mil exemplares em circulação. Em 1960, o *Correio* cai para 53 mil, enquanto *O Dia* apresenta a impressionante marca de 230 mil (Ribeiro, 2007).



Em que se pesem as diferenças entre os dois periódicos – o *Correio* sempre foi um jornal de classe média, fortemente politizado, enquanto *O Dia* se voltava às classes populares –, estes números atestam a dificuldade de um jornal como o *Correio*, então com mais de cinquenta anos de história, de renovar-se e adaptar-se a esta nova configuração do mercado jornalístico.

Mas mesmo um jornal moderno como a *Última Hora*, que absorve perfeitamente as mudanças por que o jornalismo passa nestas duas décadas, não resiste ao período de concentração da imprensa. A interferência da ditadura militar minou todos os esforços de Samuel Wainer e, no caso do *Correio*, de Niomar Bittencourt. Pressão sobre anunciantes, censura, perseguição e prisões do corpo diretor dos jornais – tudo isso tornou a sobrevivência impossível.

O que torna o caso do *Correio da Manhã* emblemático é a convergência de fatores e acontecimentos que levaram a seu fim. Inadequação ao novo contexto da imprensa, crise financeira, perda de anunciantes, ingerências administrativas, ofensiva do regime militar contra o jornal – estes elementos apresentaram-se como obstáculos que nem o gigante *Correio da Manhã*, do alto de seus 73 anos de história e de sua inestimável relevância política, conseguiu transpor.

Referências bibliográficas

Textos Acadêmicos:

BARBOSA, Marialva. História Cultural da Imprensa. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2007.

LEAL, Carlos Eduardo. "Correio da Manhã". In: ABREU, Alzira de (coord.). Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Imprensa e história do Rio de Janeiro dos anos 50. Rio de Janeiro: E-Papers, 2007.

_____. "Modernização e concentração: a imprensa carioca nos anos 1950-1970". In: NEVES, Lucia Maria Bastos P.; MOREL, Marco e FERREIRA, Tania Maria Bressone P. História e imprensa: representações culturais e práticas de poder. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

SOARES, Glaucio Ary Dillon. "Censura durante o regime autoritário". Trabalho apresentado ao XII Encontro Anual da Anpocs, Águas de São Pedro, SP, 25-28 de outubro de 1988. Em http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_10/rbcs10_02.htm. Acessado em 02/04/2009.



SODRÉ, Nelson Werneck. História da Imprensa no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 1999.

Textos em Periódicos:

“STF manda cumprir última vontade de Paulo Bittencourt”, *Correio da Manhã*, 17/06/1965, p.01

“A hora dos extremados”, *Correio da Manhã*, 02/04/1964, p.01

“O responsável”, *Correio da Manhã*, 08/12/1968, p.01

“A confirmação”, *Correio da Manhã*, 10/12/1968, p.06

Correio da Manhã, edição do dia 07/01/1969

“Compelido ontem o Correio da Manhã a impetrar concordata preventiva”, *Correio da Manhã*, 12/03/1969, p.01

CASTRO, Ruy. “Para o Correio da Manhã, com uma lágrima”, *O Estado de São Paulo*, 09/06/2001. Em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/circo/cir130620013.htm>. Acessado em 01/04/2009.